



A CORRESPONDÊNCIA COMO DOCUMENTO GENÉTICO: O CONTO “MÃOS SUJAS DE TERRA”, DE JOSUÉ GUIMARÃES

CORRESPONDENCE AS GENETIC DOCUMENT: THE TALE “MÃOS SUJAS DE TERRA”, BY JOSUÉ GUIMARÃES

Bruna Santin¹ (UPF)
Miguel Rettenmaier (orientador)² (UPF)

RESUMO

Este estudo tem como perspectiva principal analisar as correspondências ativas, passivas e editoriais do escritor Josué Guimarães, vendo-as como elementos epitextuais com possibilidades genéticas, que auxiliem a (re)descobrir e entender a produção literária do escritor, suas inspirações e planejamentos. Para tanto, o *corpus* deste trabalho terá como base uma correspondência enviada por Josué Guimarães, não datada, mas presumida como sendo da década de 1970, na qual discursivamente o escritor relata ao receptor da missiva uma possível inspiração para a escritura de um de seus contos, a saber, "Mãos sujas de terra", o qual teria se baseado em uma história real. Além disso, elementos intertextuais bíblicos e shakespearianos podem se não ser afirmados, mas presumidos, como uma provável leitura realizada pelo escritor, o que pode ter resultado em elementos de intertextualidade. O conto "Mãos sujas de terra" foi uma das primeiras produções literárias do escritor, sendo premiado no concurso Fundepar do Paraná no ano de 1969.

Palavras chave: Josué Guimarães. Correspondência. Crítica Genética.

ABSTRACT

This report has as its main perspective to review the active, passive and editorial correspondence Josué Guimarães, seeing them as epithexals elements with genetic possibilities. That to help rediscover and to understand literary production of that writer, his inspirations and plans. Therefore, the corpus of this work will be based on a correspondence sent by Josué Guimarães, not dated but presumed to be from the 1970s, in which the writer discursively reports to the recipient a possible inspiration for the writing of one of his short stories, namely "Mãos sujas de terra" which is believed to be based on a true story. In addition, biblical and Shakespearean intertextual elements may not be asserted, but presumed, as a likely reading by the writer, which may have resulted in elements of intertextuality. The tale "Mãos sujas de terra" was one of the first literary productions by the writer, being awarded in the contest Fundepar from Paraná in 1969.

Keywords: Josué Guimarães. Correspondence. Genetic criticism.

¹ Acadêmica do VI nível do curso de Letras, Potuguês-Inglês e Respectivas Literaturas na Universidade de Passo Fundo. Bolsita de Iniciação Científica PIBIC/UPF no Acervo Literário de Josué Guimarães. E-mail: bruna-santin11@hotmail.com

² Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade de Passo Fundo. Coordenador do Acervo Literário de Josué Guimarães e das Jornadas Literárias de Passo Fundo. E-mail: mrettenmaier@hotmail.com



1 INTRODUÇÃO

Quando se estudam resquícios textuais sob guarda de um acervo literário, existem inúmeros elementos que devem ser levados em consideração. Todos os documentos resguardados são igualmente importantes e, dentro desta perspectiva de não valorizar mais um manuscrito em detrimento a outro entra esse estudo, o qual possui como fonte principal correspondências ativas e passivas do jornalista e escritor Josué Guimarães, bem como se amparou na biblioteca do escritor e em suas publicações na imprensa, para dar seguimento à análise. Desta forma, mesmo que um estudo seja voltado unicamente para um material localizado no acervo, existem momentos em que é imprescindivelmente necessário recorrer a outros materiais fora da alçada do que está em questão. Um elemento identificado busca por outro, numa rede hipertextual. É como um investigador que almeja pistas, mas precisa coletá-las, em todos os espaços em que puder, para cumprir sua missão.

E é nesse ponto investigativo que esta pesquisa de certa forma se encaixa. O trabalho se deu contando inicialmente com uma correspondência ativa de Josué Guimarães, que está sob a guarda do Acervo Literário de Josué Guimarães (ALJOG/UPF), na Universidade de Passo Fundo, buscando elementos capazes de auxiliarem no entendimento da obra do escritor, suas pesquisas e suas inspirações. Em um meio com tantas opções de escolhas para desenvolvimento de pesquisas, encontrou-se no espólio do autor uma correspondência em específico que chamou a atenção pelo seu conteúdo, por conter um relato de Josué Guimarães. Essa missiva, que não foi datada, mas pela temática é subentendida como sendo da década de 1970, metade ou final, talvez, trata de uma possível inspiração externa do escritor, para a escritura de um de seus primeiros contos, publicado e premiado do II Concurso Nacional de Contos do Estado do Paraná, intitulado como “Mãos sujas de terra”.

Sobre o texto, relata ter tido como fonte inicial um acontecimento cotidiano que serviu como um “alicerce” para a escritura do conto. Além desta afirmação, algumas outras hipóteses serão levantadas, diante de alguns elementos presentes no texto que dialogam com a tradição literária e religiosa, fazendo intertextos que, ao longo deste trabalho serão melhor explicados.



2 CARTAS: LER OU NÃO LER? EIS A QUESTÃO...

Ler ou não ler cartas. Se a ti foi destinada, por que não? Mas... e se não foi? Não me parece uma boa ideia. Essa é a voz que fala dentro da consciência do pesquisador de missivas. Não parece ser certo inserir-se em diálogos, em espaços, em intimidades onde não se foi convidado. É como violar uma carta íntima, levemente aberta, de um amigo, que estava sobre a mesa. Quando o amigo ausenta-se por alguns instantes, vai-se lá e lê. No entanto, existe uma outra voz, e esta é da calma e diz: “- Tudo é por um bem maior”. E apesar de temer muito a primeira, prefiro confiar mais na segunda, que não me diz se é certo ou errado. Na verdade não me diz nem o que fazer, mas continua afirmando que é tudo por um bem maior. Existe ainda uma outra voz, e essa não é do pensamento, é da realidade. É a ética perante o estudo com correspondência: existem memórias que devem ser zeladas. Grande parte das cartas foram endereçadas ou escritas por pessoas que já não estão mais aqui e, portanto, não possuem mais poder de contra-resposta. Não se sabe se essas pessoas gostariam de ter seus diálogos violados. Não sabemos se o próprio Josué Guimarães gostaria. Por esse e por outros motivos é que nomes de correspondentes não serão divulgados, e muito menos o objeto de estudo por inteiro, tendo-se apenas a autorização de divulgação de fragmentos.

Este estudo conta com missivas de um escritor, Josué Guimarães, homem multifacetado, que iniciou na literatura como sua terceira profissão. Boa parte de sua vida atribuiu seus esforços ao jornalismo, como sua primeira escolha e mais tarde em sua carreira política, sendo vereador pelo PTB. Somente no ano de 1970 publica sua primeira obra – uma coletânea de contos - intitulada como *Os ladrões*. Nesta mesma obra, reúnem-se três contos premiados no II Concurso Nacional de Contos do Estado do Paraná, sendo eles, “João do Rosário”, “Mão Sujas de Terra” e “O princípio e o fim”. A premiação ocorreu no ano de 1969 e, de lá até os anos 80, Josué agregou algumas obras significativas na literatura brasileira, incluindo romances, contos e teatro até chegar à literatura infantil e juvenil.

Apesar do mundo literário ter ganhado Josué tardiamente, em maioria, suas obras, foram dedicadas à reflexão de um tempo que ficou na história, tempo esse que o escritor presenciou de uma forma direta: a ditadura civil-militar. De forma implícita, Josué elucidava fatos e fazia denúncias de cunho reprovatório dessa época tão sombria tanto na literatura quanto em contexto brasileiro social.



Muito desse período pode ser entendido através de suas cartas, por meio dos discursos nelas contidos, percebendo, assim, como aquela época para o escritor, foi violenta econômica, social e psicologicamente.

Tratando-se de colocar em pauta aquilo que não era certo, ou pelo menos o escritor julgava como não sendo, entra um dos seus primeiros contos, objeto de estudo desta pesquisa, que aparece explicitamente, denunciando a dinâmica do latifúndio, onde muitos detinham uma grande quantidade de terras em mãos. O conto, por si só, já chamava a atenção, mas passou a ser mais pulsante quando em um dia de estudo, uma carta é identificada, falando justamente sobre, nada mais nada menos, que a inspiração que fez surgir um texto de extrema reflexão e que choca pela narrativa.

Então, respondendo o questionamento proposto nesta seção, diria que ler cartas – que não são suas –, até que se configura em uma boa ideia. Ao fim de mais um dia de leituras “proibidas” foi identificado o processo criativo, escrito e selado pelo próprio escritor, o que significa que violar diálogos de vez em quando não é tão pecaminoso assim.

2.1 Acervo literário: guardião de grandes relatos

Tendo sido jornalista por boa parte de sua vida, Josué Guimarães conservou um vasto número de publicações na imprensa, que estão resguardados hoje, no ALJOG/UPF. Por ter se dedicado por grande parte de sua vida ao jornalismo, existem certas peculiaridades em suas obras que geram hipóteses de histórias que tiveram seu surgimento baseado em notícias jornalísticas. Apesar do corpus inicial desse estudo ser uma carta, não datada, as publicações na imprensa também tiveram que ser contadas e a biblioteca pessoal do escritor também. Mas, antes de chegar nesta parte em específico, é necessário esclarecer e contextualizar a luz deste trabalho. Para tanto, o fragmento da missiva respaldada é de extrema importância, a mesma será inicialmente transcrita e, depois abaixo, o fragmento se seguirá. Josué Guimarães, em uma carta, possível resposta a seu correspondente que, interessado pelo conto “Mãos sujas de terra”, encaminhou originais de uma peça teatral, a ser realizada, tece algumas considerações sobre a referida peça e complementa:

O conto foi publicado originalmente no livro “Os Ladrões”. Juntamente com outros dois, ele foi premiado no concurso Fundepar, do Paraná, em 1969, ocasião em que

10º SEMINÁRIO DE ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS (SELES) | 6º SEMINÁRIO DE ENSINO DE LÍNGUA MATERNA (SELM)
7º SEMINÁRIO NACIONAL E 1º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE

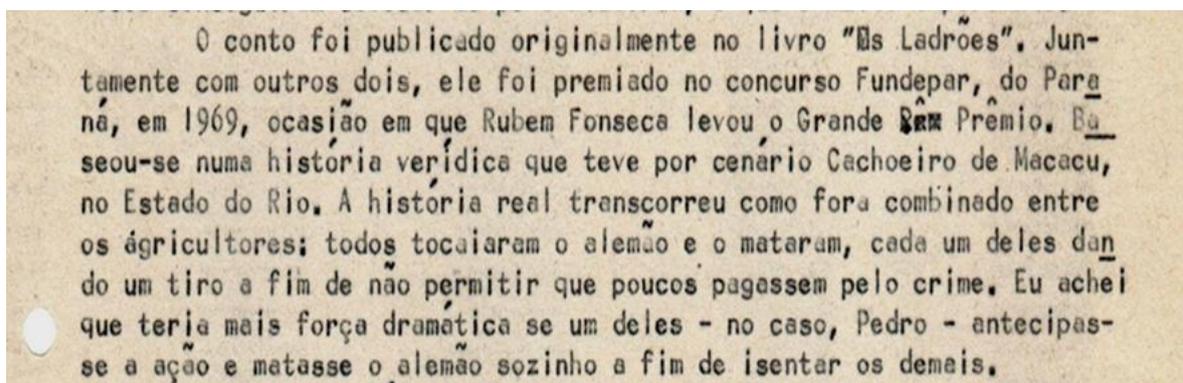
LÍNGUA E LITERATURA

TEORIA E ENSINO:
VOZES, LINGUAGENS, CONTEXTOS

50 ANOS
UPF

Rubem Fonseca levou o Grande Prêmio. Baseou-se numa história verídica que teve por cenário Cachoeiro do Macacu, no Estado do Rio. A história real transcorreu como fora combinado entre os agricultores: todos tocaiaram o alemão e o mataram, cada um deles dando um tiro a fim de não permitir que poucos pagassem pelo crime. Eu achei que teria mais força dramática se um deles - no caso, Pedro - antecipasse a ação e matasse o alemão sozinho a fim de isentar os demais.

Figura 1: Fragmento da carta enviada por Josué Guimarães, não datada.



Fonte: ALJOG/UPF

Dado o fragmento que se seguiu, é possível constatar uma afirmação, que representa algo não muito comum no mundo das missivas (principalmente no mundo das missivas de Josué Guimarães). No meio de tantos discursos fragmentados, encontrar um discurso explicitado desta maneira é realmente um achado. O dito é inquestionável. E essa carta fala, portanto. Fala de um processo de criação labutado através do meio externo, inspirando em uma notícia cotidiana que pode ter chegado ao escritor pelo ofício jornalístico, ou até mesmo na leitura de um jornal ou ao ouvir o noticiário. Sobre o valor verídico da correspondência Santos diz:

Em se tratando das cartas, o “pessoal” se encontra sob a mira de terceiros que podem muito mais facilmente controlar e comprovar o que está sendo narrado. A carta é um “pensar alto com”, o que torna o nível de veracidade maior que nas memórias recolhidas e guardadas em segredo para só serem escritas ou divulgadas futuramente (SANTOS, 1998, p. 24).

Essa missiva é guardiã de um grande relato. Como disse Santos (1998), o valor da verdade que a carta possui talvez é maior do que os da memória. “[...] a carta é subscrita na primeira pessoa, a autoria é reafirmada pela assinatura [...]” (SANTOS, 1998, p. 21), usando novamente as palavras da teórica. E sendo um objeto escrito na primeira pessoa e reafirmado pela assinatura, transmite uma segurança e um nível de verdade muito maior do que qualquer



outro documento. Encontrar uma missiva com um dito tão explicitado é realmente um grande achado. Portanto, o valor de um documento do calibre desse, para um investigador de processo de criação do escritor, é de enorme significância. O que foi dito na carta apresentada acima é inquestionável. Não existe nada mais valioso e verdadeiro que um relato desse cunho. Não deixa sobras e nem dúvidas, da veracidade de uma informação.

2.2 O que conta o conto: “Mãos sujas de terra”

O conto “Mãos sujas de terra” estrutura-se na narrativa de Pedro Morais de Oliveira, agricultor pai de quatorze filhos perante alguma autoridade jurídica, defendendo-se de um crime cometido. Pedro e sua família estavam assentados há quinze anos em um pedaço de terra, o qual garantia o sustento. Mas o senhor doutor Eduardo Borman pretendia mudar o cenário de Pedro e de outros agricultores que possuíam terra há mais de sessenta anos. Borman era um grande latifundiário, com posse de mais de cinquenta e oito alqueires de terra, e queria mais. Ameaçava as pessoas que tinham posse daquilo que ele desejava que fosse dele, matava os animais e outras coisas.

Os agricultores, cansados da situação, resolveram unir-se e montar um conluio contra o latifundiário, que teria data marcada para acontecer, dia 18, no local Passo do Urubu, dez ou onze horas. Todos se organizaram, deixando suas armas em prontidão, para dar cabo, naquele senhor ambicioso demais. Eram vinte e dois agricultores, cada um daria um tiro, ficando assim, todos responsabilizados pelo ato criminal, a fim de não responsabilizar somente uma pessoa. Mas Pedro resolveu antecipar-se e, depois de pensar muito, decidiu que era melhor que ele matasse Eduardo Borman sozinho. Foi até o latifundiário, avistou o seu capataz, e disse que gostaria de ter uma conversa com o senhor Borman. O capataz desconfiou, mas Pedro disse que queria ajudar o latifundiário. E assim foi feito. Borman apresenta-se, e Pedro disse que o ajudaria a tomar posse das terras se ele garantisse que tivesse uma fatia de terras para o sustento de sua família. Borman deixou Pedro esperando, e o capataz não arredava o pé. Até que Pedro pede um copo de água e, na volta do latifundiário, realiza o crime. Camisa branca, muito bem engomada, foi tingida pelo sangue que jorrou após duas facadas no peito. Depois, Pedro levou um tiro do capataz, o esfacelamento do osso da perna, a coronhada na cabeça. Mas já estava feito, ali jazia um homem poderoso, riquíssimo, e cuja ambição lhe



custou a vida. Pedro diz não ter se arrependido, faria tudo novamente, cada facada. O conto encerra-se com a frase dramática do agricultor à autoridade: “Veja: minhas mãos estão sempre sujas de terra” (GUIMARÃES, 1970, p. 172).

3.0 A INTERTEXTUALIDADE ESCONDIDA: DUAS HIPÓTESES

Do dito, seguimos agora para o abstrato, a dúvida, o incerto. Ao contrário da missiva, que traz consigo um depoimento factual, escrito pelo próprio escritor, o que será apresentado agora configura-se em duas possibilidades de intertextos que podem ter sido realizados por Josué Guimarães, o que não significa que assim foi feito. Essas duas hipóteses partem da interpretação de um texto publicado. Isso não está nas cartas do escritor, e talvez não esteja em nenhum material do Acervo, o que pode mudar amanhã. Perante inúmeras categorias, textos comprobatórios de hipóteses podem surgir a qualquer momento. No entanto, pela falta de provas momentâneas, tomemos essas possibilidades de intertextualidade, como uma mera interpretação e junção de alguns fatos.

A interpretação dos textos literários é fruto de um diálogo constante entre o texto e o crítico, que toma como ponto de apoio um dos aspectos da teoria literária, seja a sociocrítica, a psicanálise, a história, a narratologia, a linguística, a temática ou a poética. Tudo parece claro aos dois interlocutores até que um estudioso do manuscrito descobre um inédito paralelo à obra estudada. O rascunho atravessa e embaraça o diálogo e a empreitada do crítico duplica (WILLEMART, 2005, p.17-18).

Independentemente do “ponto de apoio” que o pesquisador siga perante seu objeto de estudo, em certos momentos, como o desta pesquisa, para que se tenha um andamento melhorado de alguns fatos, os manuscritos associados à obra acabada ou não de um *escritor*, dependem única e exclusivamente da interpretação atenta de um pesquisador. Sabe-se que hipóteses não são verdades e, quando se trata de acervo literário, elas podem modificar-se a qualquer momento, assim como podem auxiliar o estudioso de manuscrito a seguir um rumo que comprove aquele levantamento “hipotético” proposto no início de sua pesquisa.

O estudo com missivas trabalha muito com essa incerteza e quando se existe incerteza significa, obviamente, que não se possuem certezas. E na grande parte das vezes em estudos com diversos materiais de um acervo, mas principalmente com correspondência, afirmar algo



é raro e perigoso. Portanto, nada além do dito na carta transcrita acima será afirmado, apenas levantado a partir de questionamentos que poderão ou não serem confirmados um dia.

Dado o breve resumo no conto, existem alguns elementos que chamaram a atenção. Inicialmente sabe-se que Josué Guimarães utilizou-se de um fato da vida real para ter como alicerce para a escritura de seu conto “Mãos sujas de terra”. Mas, será que esse foi o único elemento utilizado pelo escritor para a escritura desse texto, premiado em 1969? Talvez não.

Na tentativa de comprovar o que aqui será levantando, cotejar a biblioteca do escritor foi necessária. O Acervo Literário de Josué Guimarães, conta com alguns títulos que foram de sua biblioteca, e que hoje, são resguardados e zelados. Apenas uma hipótese poderia ter sido comprovada, pois o livro que teria gerado um suposto intertexto, como colocado a seguir, foi localizado ao meio da biblioteca do escritor. E, além disso, é um dos exemplares que mais possuem anotações de Josué Guimarães. No entanto, a parte que poderia ter sido usada para a escritura de seu conto, não possuía nem uma marca ou grifo. Desta forma, a palavra hipótese voltou com toda a força.

Antes de apresentar essa primeira intertextualidade é preciso esclarecer um fato: Josué Guimarães era filho de pastores, então em sua vida, a tradição religiosa foi conservada e, em vários momentos, pode ser bem presente em sua literatura. Sobre isso, e em relação a “Mãos sujas de terra”, existe um elemento utilizado ao final, que pressupõe uma intertextualidade que dialoga com a tradição religiosa.

3.1 Primeira hipótese: diálogo com a tradição religiosa

Pedro Morais de Oliveira, ao proferir sua última frase do conto, diz: “Veja, minhas mãos, estão sempre sujas de terra” (GUIMARÃES, 1970, p. 172).

Esse último trecho, chamou a atenção, pelo mostrar de mãos do personagem, que se encontrava em uma situação delicada o que pode ser facilmente relacionado com o texto religioso da Bíblia, Matheus Capítulo 27 versículo 21-25³:

³ O trecho citado, foi retirado do exemplar que pertenceu à Josué Guimarães, contendo todas as suas anotações e grifos. A Bíblia Sagrada está localizada na biblioteca do escritor, sob guarda do Acervo Literário de Josué Guimarães. A citação foi reescrita preservando a ortografia da época em que foi publicada.

LÍNGUA E LITERATURA

TEORIA E ENSINO:

VOZES, LINGUAGENS, CONTEXTOS

21 E fazendo o governador esta pergunta, lhes disse: Qual dos dois quereis vós que eu vos solte? E responderam elles: Barrabás. 22 Disse-lhes Pilatos: Pois que hei de fazer de Jesus, que se chama o Christo? 23 Responderam todos: Seja crucificado. O governador lhes disse: Pois que mal tem elle feito? E elles levantaram mais o grito, dizendo: Seja crucificado. 24 Então Pilatos, vendo que nada aproveitava, mas que cada vez era maior o tumulto, mandando vir agua, lavou as mãos á vista do povo, dizendo: Eu sou innocente do sangue d'este justo; vós lá vos avinde. 25 E respondendo todo o povo, disse: O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos (BÍBLIA SAGRADA, 1931 p. 864).

Da mesma forma como Pedro Morais de Oliveira, Pôncio Pilatos, também se encontrava em uma situação cautelosa. Ele estava julgando Jesus Cristo, e apesar de não ver nele culpa alguma, acabou condenando-o. O fato de Pilatos lavar as mãos, como que para “isentar-se de uma culpa”, pode ser comparado com o ato de Pedro. Pilatos não mostrou as suas mãos, apenas lavou-as, Pedro ao contrário, realiza o ato. Mas existe uma relação, mesmo que interpretativa, mesmo que implícita. Existe um não querer ser culpado. Pedro realizou o ato criminal conscientemente, teve tempo para pensar e calcular a consequência. Mas ele pode ter sido “induzido” pela vulnerabilidade em que ele se encontrava no momento, que afetava não somente a ele e sua família, mas uma série de outras pessoas.

Pedro, assim como Pilatos, apesar de fazerem conscientemente uma escolha, calculada e com resultados evidentes, ambas envolvendo a morte de uma pessoa, de certa maneira queriam isentar-se daquela culpa, e o mostrar ou lavar de mãos está diretamente relacionado com esse aspecto, do fazer a ação, mas “justificadamente”. Além dessa especificidade, existe ainda outra. O povo queria que Jesus Cristo fosse condenado. A comunidade queria que o latifundiário fosse condenado. Em ambas as situações, a decisão que teve que ser tomada, não partiu somente de uma pessoa, mas de várias, apesar de somente uma delas ter tomado a decisão final.

3.2 Segunda hipótese: diálogo com a tradição literária

O segundo provável intertexto diz respeito à obra *Macbeth* -, muito conhecida de um autor consagrado – Shakespeare. Esse livro, no entanto, não foi identificado na biblioteca de Josué Guimarães, o que pode ser justificado por diversos fatores. Sendo um resistente da ditadura civil-militar, e em sua condição de ter tido de autoexilar-se, parte de seus livros foram deixados para trás. Existe ainda outra grande parcela de seus livros que permanece sob



a guarda dos herdeiros do escritor, os quais no momento desta pesquisa, não foram acessados. Além dessas duas coisas, existe ainda uma terceira: as leituras que Josué Guimarães realizou durante sua vida não necessariamente podem integrar sua biblioteca, permanecendo, assim, somente com o escritor e partindo com ele no momento de sua morte. O fato de o livro não ter sido identificado não significa que Josué Guimarães não o contactou durante a sua vida.

No que diz respeito ao possível intertexto, é possível afirmar que ele assemelha-se muito com a anterior hipótese do diálogo com a tradição religiosa. Existe um deparar-se simbólico com as mãos, e um talvez arrependimento. Macbeth ao executar o ato com os punhais matando o rei, já visivelmente arrependido, retorna a seu quarto e contempla as suas mãos sujas com o sangue do rei: “Macbeth [*olhando as próprias mãos, ensanguentadas*] – Esta é uma visão lastimável. Lady Macbeth – Que tolo pensamento, chamar de lastimável essa visão” (SHAKESPEARE, 2015, p. 41, grifo do autor).

Mais adiante Macbeth ao ouvir batidas em seu quarto, diz:

Macbeth – De onde vêm essas batidas? O que há comigo, quando todo e qualquer barulho me apavora? Que mãos são estas aqui? Ai, que elas arrancam fora os meus olhos! Nem todo o Oceano do grande Netuno será capaz de lavar definitivamente este sangue de minhas mãos? Não, pelo contrário: estas minhas mãos é que tingirão de encarnado os múltiplos mares, transformando em vermelho o que é verde (SHAKESPEARE, 2015, p. 43).

Macbeth, logo após a realização do ato já se encontrava visivelmente abalado. Em ambos os textos, tidos como prováveis intertextualizações realizadas por Josué Guimarães existem três elementos em comum que, aqui, ganharam mais respaldo.

O primeiro deles é uma tomada de decisão, induzida por terceiros. Pedro tinha seus vizinhos, acometidos pela indignação de um latifundiário ambicioso demais. Pilatos tinha o povo, que queria que Jesus Cristo fosse condenado, e Macbeth tinha sua esposa, Lady Macbeth que queria que ele tomasse o poder. A ação foi facultada individualmente e conscientemente, mas teve uma ajuda e uma motivação externa. O segundo elemento é o ato simbólico das mãos, presentes em todos os textos, dentro de suas especificidades. Existe quase que uma reflexão perante as mãos, culpadas, portanto, por atos responsáveis em ambos os casos pela morte de uma pessoa em específico. O terceiro elemento é a culpa, mesmo que não totalmente admitida pela parte de quem tomou a decisão final. E esse arrependimento tem



a ver diretamente com a reflexão feita perante o mostrar de mãos, o lavar de mãos e o ver nas próprias mãos, como que a realização do referido ato, justifique a ação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui presente teve como ponto de partida uma correspondência ativa do escritor gaúcho Josué Guimarães, o qual, discursivamente, coloca a seu destinatário, um de seus processos de criação em torno do conto premiado “Mãos sujas de terra”. Do dito e concreto, passou-se para possibilidades, que poderão um dia ser confirmadas ou não. Josué Guimarães associou em seu conto um fato cotidiano, ocorrido na cidade de Cachoeiro do Macacu, fato esse dito por ele na missiva. Uma busca rápida pela internet fez constatar essa cidade no mapa brasileiro, mas com um nome semelhante – Cachoeiras do Macacu. Sobre o fato ocorrido, e que Josué fala em sua missiva, não foram identificados até o momento relatos, nem na internet e nem após o cotejamento das publicações na imprensa do escritor. Não se sabe como essa notícia chegou até os ouvidos do autor, se por um noticiário ou em decorrência de sua própria carreira jornalística. A única coisa que se sabe é que Josué Guimarães associou um fato que aconteceu à sua produção literária.

O mundo das cartas é abstrato. Pouco se afirma, muito se premedita. É como disse Willemart:

O estudo do manuscrito reforça a ideia que se aplica a qualquer livro, seja a Bíblia, seja o Alcorão, seja o código civil. A verdade não está ligada ao conteúdo, como acreditam os ditos fundamentalistas, mas ao sujeito que lê, articula os pedaços e interpreta. A leitura é a interpretação, o que valoriza a singularidade de cada sujeito, questiona as soluções coletivas contrárias ao desejo de cada um e está na linha da descoberta freudiana (WILLEMART, 2009, p.64).

Este estudo teve uma afirmação e duas premeditações que contaram com a interpretação do pesquisador. Ela nem sempre é precisa, mas, quando se fala em estudos genéticos, torna-se fundamental. Qual é o trabalho do geneticista se não levantar algumas hipóteses? E de certa forma isso foi idealizado neste estudo.

Reitero, que uma missiva, contendo uma afirmação como esta, são raras de serem encontradas, principalmente no que concerne ao espólio de Josué Guimarães. Mas não podia ficar somente nisso. Será que esse foi o fator único e preponderante para a escritura de um



conto tão bem estruturado e premiado, marco na vida literária de Josué, portanto? Por pensar desta forma é que algumas hipóteses foram acordadas. Teriam outras tantas para serem percorridas e debatidas, mas, por hora, essas são a que dominarão, podendo um dia, serem confirmadas ou não, rendendo outros estudos. Pois quem sabe o que ainda pode aparecer.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução em português pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo. Lisboa, Depósito das escrituras sagradas, 1931.

GUIMARÃES, Josué. *Os ladrões*. Rio de Janeiro: Forum, 1970.

SANTOS, Matildes Demétrio dos. *Ao sol carta é farol: a correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas*. São Paulo: Annablume, 1998.

SHAKESPEARE, William, *Macbeth*. Porto Alegre: L&PM, 2015.

WILLEMART, Philippe. *Crítica genética e psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

WILLEMART, Philippe. *Os processos de criação na escritura, na arte e na psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2009.